

JVA EDITORA

JVA
EDITORA

O LEVIATÃ DE SANTA MADALENA

JVA EDITORA

O LEVIATÃ DE SANTA MADALENA

Mar, pólvora e horror no ano de 1587

JVA EDITORA

NOTA DO EDITOR

Esta é uma obra de ficção original ambientada no século XVI. A narrativa combina horror marítimo, aventura e ficção histórica. Navios, rotas, práticas de navegação, armas e relações coloniais foram tratados com intenção de verossimilhança literária, sem pretensão de reconstituir um episódio histórico específico.

PERSONAGENS

Mateus — garoto de doze anos, aprendiz de grumete, filho de um tanoeiro.

Capitão Duarte Falcão — comandante da nau Santa Madalena.

Inês de Moura — cartógrafa e intérprete, embarcada sob proteção da Coroa.

Gaspar Álvares — mestre de pesca, homem do mar e guardião de velhas histórias.

Frei Tomé — religioso e cronista da expedição.

Álvaro de Sá — feitor da companhia mercantil que financia a viagem.

Amaro — marinheiro angolano experiente, piloto de costa e aliado de Mateus.

Beatriz Falcão — filha adulta do capitão, responsável pelos registros e provisões.

SUMÁRIO

- 01 A partida de Lisboa
- 02 O menino dos barris
- 03 Além do cabo
- 04 Peixes sem olhos
- 05 A marca no casco
- 06 O primeiro desaparecido
- 07 O mapa proibido
- 08 Águas que respiram
- 09 O sino sob o mar
- 10 A ilha sem pássaros
- 11 Homens da feitoria
- 12 A noite dos tentáculos
- 13 O diário de Gaspar
- 14 Sangue no convés
- 15 A enseada dos ossos
- 16 Ventos contrários
- 17 O navio abandonado
- 18 A coisa no porão
- 19 Fogo de Santelmo
- 20 A fome
- 21 Os colonos perdidos
- 22 O culto da maré
- 23 A boca no oceano
- 24 O motim
- 25 A caravela negra
- 26 Terra à vista
- 27 O povoado queimado
- 28 A criatura aprende
- 29 Sem estrelas
- 30 O preço da pólvora
- 31 A descida ao recife
- 32 O coração do monstro
- 33 A mentira do capitão
- 34 Mateus e o mapa
- 35 A tempestade vermelha
- 36 Os sobreviventes
- 37 A última nau
- 38 O cerco
- 39 Barris no convés
- 40 O plano do menino
- 41 Entre os mastros
- 42 A isca
- 43 A boca do Kraken
- 44 O pavio
- 45 O clarão

- 46 Depois do silêncio
- 47 Os que regressaram
- 48 O relato proibido
- 49 Mare Incognitum

CAPÍTULO 1

A PARTIDA DE LISBOA

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.